

O HOMEM CONFORME A IMAGEM E À SEMELHANÇA DE DEUS NO PENSAMENTO DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

THE MAN ACCORDING TO THE IMAGE AND LIKENESS OF GOD IN THE THOUGHT OF ST. BERNARD OF CLAIRVAUX

Francisco Gonçalves Romano¹

RESUMO: São Bernardo de Claraval viveu no século XII e é considerado um dos maiores pensadores de sua época. O tema de nosso artigo será a concepção de homem de acordo com o pensamento de Bernardo. Dizem as Escrituras que o homem foi criado conforme a imagem e à semelhança de Deus. É a partir desse versículo bíblico que Bernardo, como um legítimo pensador cristão, elaborará seu pensamento. Neste sentido, procuraremos demonstrar em que consiste essa criação conforme a imagem de Deus e quais são as semelhanças existentes entre o Criador e a criatura. Por conseguinte, esmeraremos por indicar a forma pela qual o homem desassemelha-se de Deus e em que consiste essa dessemelhança. Finalmente, mostraremos que é possível ao homem recuperar sua semelhança originária com Deus, tornando-se novamente conforme a imagem, e quais são os meios para tal.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardo de Claraval. Homem. Imagem. Semelhança. Deus.

ABSTRACT: St. Bernard of Clairvaux lived in the twelfth century and is considered one of the greatest thinkers of his time. The theme of our article will be the conception of man according to Bernard's thought. The Scriptures say that man was created according to the image and likeness of God. It is from this biblical verse that Bernard, as a legitimate Christian thinker, will elaborate his thinking. In this sense, we will try to indicate the conception of the aforementioned creation in the image of God and the similarities between the Creator and the creature. Therefore, we shall endeavor to indicate the way in which man becomes dissimilar to God and of what consists this dissimilarity. Finally, we will show that it is possible for man to regain his original resemblance to God, to become again conformed to the image, and what are the means for such purpose.

KEYWORDS: Bernard of Clairvaux. Man. Image. Likeness. God.

1. O HOMEM CONFORME A IMAGEM

São Bernardo afirma que a alma do homem² tem muita afinidade com o Verbo. O primeiro elemento em comum que ele aponta é a semelhança de suas naturezas: o Verbo é imagem e a alma é segundo a imagem. Acerca disso, informam Boehner e Gilson:

¹ Bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: r.o.m.a.n.o@hotmail.com

² São Bernardo vale-se constantemente da expressão "alma" com o objetivo de referir-se ao homem como um todo. Apesar de ser a alma a instância da imagem e semelhança de Deus no homem (a razão e a liberdade atestam tal imagem e semelhança), a tese que está presente aqui e em toda a filosofia medieval é aquela da unidade substancial do composto humano. Afinal, as Sagradas Escrituras afirmam que o *homem* foi criado

Diz a Escritura que o homem foi criado *conforme* a imagem de Deus. Por conseguinte, ele não é a imagem de Deus em sentido estrito, visto haver apenas uma imagem de Deus, a saber, o Verbo. O homem é a imagem desta imagem de Deus.³

Pierre Magnard, na mesma linha de pensamento, diz que “se a imagem, no sentido pleno do termo, designa o Verbo, a alma não tem imagem, ela é feita à imagem”⁴.

O Verbo é imagem da verdade, justiça e sabedoria. A alma não é nenhuma dessas coisas, porque não é imagem. “Mas é capaz de todas elas e as deseja; por isso é segundo a imagem”⁵, diz Bernardo. Neste sentido, a alma é uma criatura excelsa em função de sua capacidade de majestade e um sinal insigne em função do seu desejo de retidão. Isto porque Deus criou o homem reto: “o que é segundo a imagem deve ajustar-se à imagem e não se chamar em vão imagem, como tampouco a imagem se chama assim só por seu nome, mas por seu conteúdo”⁶.

Boehner e Gilson afirmam que ser segundo a imagem de Deus denota justamente a dignidade extraordinária da condição humana e sua aptidão para participar na glória de Deus. O homem possui uma alma magna e tal dignidade, recebida no ato criador, é inseparável da alma humana.⁷

Da imagem, disse-se: “subsistindo na forma ou natureza de Deus, não considerou como usura o ser igual a Deus”⁸. A imagem de Deus, o Verbo, possui a majestade e a retidão igualmente. Comparando as retidões e as grandezas, percebe-se que há uma relação recíproca de correspondência entre a imagem e o que é conforme a imagem, entre o Verbo e a alma. Davi canta em seu salmo que “O Senhor nosso Deus é reto e não há nele iniquidade”⁹. Sua imagem recebe igualmente a qualidade de ser reta e grande, assim como a alma, que é segundo a imagem. Porém a alma possui essas qualidades de modo muito limitado, enquanto o Verbo as possui em toda sua plenitude. Afirma Bernardo: “A primeira possui ambas as

segundo a imagem e à semelhança de Deus, e não somente sua alma. Assim, é por metonímia que Bernardo emprega o termo “alma” em vez de “homem”.

³ BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 284.

⁴ MAGNARD, Image et ressemblance. In: BRAGUE (Dir.), *Saint Bernard et La philosophie*, p. 82.

⁵ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 991.

⁶ *Idem, ibidem*.

⁷ Cf. BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 284.

⁸ *Filipenses 2, 6 apud BERNARDO, op. cit.*, p. 991.

⁹ *Salmos 91, 16 apud BERNARDO, op. cit.*, p. 991.

coisas por criação e concedidas por pura condescendência, o outro por geração, o qual é, sem dúvida alguma, muito mais glorioso”¹⁰.

Na imagem, grandeza e retidão são uma mesma realidade – embora distingam-se por sua própria natureza. Para a imagem, existir, ser grande e ser reta se identificam, formam uma unidade em tese fiel e estrita. O que não ocorre na alma: nela, grandeza e retidão diferem não somente de seu ser pessoal [da alma], como também entre si; não formam uma mesma realidade nem com a alma, nem entre si.¹¹

O que não impede a alma de ser conforme a imagem, mesmo que apenas em parte, “porque se fosse total sua privação, careceria de toda esperança de salvação. Se perdesse sua grandeza, também perderia sua capacidade”¹².

Contudo, quando não busca nem deseja as realidade eternas, a alma torna-se curva, embora não deixe de ser grande, pois, mesmo assim, conserva sua capacidade do eterno. O homem pode escolher as coisas da terra em vez das coisas do céu, turvando sua vontade e tornando curva sua alma. Mas nunca poderá perder sua essência ou grandeza: nunca poderá deixar de escolher.

Neste sentido, mesmo que a alma não possua mais a retidão, ela segue sendo alma e grande. Metaforicamente, o homem torna-se como um filho bastardo. “São filhos porque conservam a grandeza. São bastardos porque perderam sua retidão”¹³.

A alma não pode privar-se de sua grandeza, mesmo sendo estas duas realidades distintas. Pois embora a alma não exista sem sua grandeza, esta se encontra fora da alma. “Uma alma pode subsistir sem retidão, quando ela se prefere as coisas da terra àquelas do céu. Ela não pode, ao contrário, subsistir sem grandeza, mas esta grandeza não lhe é parte integrante”¹⁴, explica Magnard. A grandeza apenas informa a alma, mas não se identifica com ela. E não obstante isso, perdendo a forma a alma deixaria de ser o que é, de acordo com Boehner e Gilson.¹⁵ Ou então,

¹⁰ BERNARDO, *op. cit.*, p. 993.

¹¹ Acerca disso, diz Magnard: “A Imagem de Deus lhe é substancial e que tudo que lhe é concedido é, em Deus como em sua imagem, ‘substância e não acidente’; Então, retidão e grandeza, em Deus como na sua Imagem, fazem um, e é uma mesma coisa ser grande, ser reto e ser. Para a alma, ao contrário, sua grandeza, sua retidão e seu ser são diferentes dela e diferentes entre elas”. (MAGNARD, *Image et ressemblance*. In: BRAGUE (Dir.), *Saint Bernard et La philosophie*, p. 82.)

¹² BERNARDO, *Sermones sobre el cantar de los cantares*. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 993.

¹³ *Idem, ibidem*.

¹⁴ MAGNARD, *op. cit.*, p. 82.

¹⁵ BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 284.

O homem não é suas qualidades, mesmo que ele não possa ser sem elas; ou seja, a precariedade e a contingência da criatura tem apenas realidade substancial na medida em que, feita à imagem de Deus, ela recebe a marca do modelo¹⁶.

Assim, “se a retidão não abarca a alma inteira [pois a alma pode não possuí-la e mesmo assim seguir sendo alma e grande] e a grandeza não consiste só na alma, é claro que ambas se diferenciam na alma”¹⁷. Bernardo ilustra melhor esse pensamento:

Portanto, a alma não é sua grandeza, como o corvo não é sua negrura ou a neve sua brancura, como o homem não é sua capacidade de rir ou de pensar. Embora não encontrará nunca um corvo que não seja negro, a neve carente de brancura, ou um homem que não seja dotado de razão e riso. Assim ocorre com a alma e a grandeza da alma: são inseparáveis e por sua vez diversas entre si. Como não vão ser distintas se esta subsiste no sujeito e aquela é, por sua vez, sujeito e substância?¹⁸

O ser humano é apresentado pelos filósofos da Idade Média como um composto de corpo e alma. No entanto, seguindo a visão própria ao Novo Testamento, os pensadores cristãos afirmam o valor e a perenidade não só da alma do homem, mas também de seu corpo. Afinal, Cristo veio salvar o homem como um todo, e não somente sua alma. Há, portanto, uma unidade substancial do composto humano: a alma isoladamente não é o homem e nem o corpo tomado por si o é. O homem é a união de ambos.

Não obstante isso, embora somente o homem mereça o nome de substância, é em função da substancialidade da alma que ele possui sua substancialidade. Aristotelicamente falando, a alma atualiza o corpo, ou seja, é ato, logo, substância. E, embora a alma não possa desenvolver de forma plena sua atualidade sem o corpo, este não possui outra subsistência e atualidade além de sua alma. Portanto, a substância do homem não é uma combinação de duas outras substâncias, mas sim, uma substância complexa que deve a apenas um de seus princípios sua substancialidade. A alma é uma substância imortal que atualiza uma matéria. A matéria só é corpo graças à alma e esta só é ela mesma num corpo. Assim, o homem é a unidade de uma alma que substancializa um corpo – seu corpo – e do corpo no qual a alma subsiste¹⁹. É isso que também Bernardo pretende afirmar, quando diz que a alma é sujeito e substância.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 83.

¹⁷ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 995.

¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 995, 997.

¹⁹ Para uma compreensão mais detalhada do assunto, cf. GILSON, *O espírito da filosofia medieval*, pp. 229-252.

1. 1. A semelhança com Deus

O que temos desenvolvido até agora é uma ontologia do homem de acordo com o pensamento de São Bernardo de Claraval. Faz-se necessário notar que, ontologicamente, o homem é necessariamente dessemelhante a Deus. Basta notar que Este é criador e aquele é criatura, o princípio de não identidade aponta desde esse aspecto tal dessemelhança. Todavia, o homem foi criado reto: sua semelhança com Deus encontra-se no plano ético.

Boehner e Gilson afirmam que, além da aptidão para participar da glória de Deus, a alma carrega dentro de si uma “aspiração concriada para os bens superiores”²⁰. Neste aspecto, ela é também uma semelhança com Deus. E tal aspiração é aquela que fundamenta a retidão sobrenatural da alma. Se a grandeza da alma deriva de sua aptidão para participar da glória, a retidão, por sua vez, provém do desejo de participar dessa vida divina²¹.

Bernardo de Claraval aponta três elementos que correspondem a tal semelhança: a simplicidade, a imortalidade e a liberdade.

1. 1. 1. A simplicidade

A primeira semelhança é, então, a simplicidade. O que significa que,

por esta dignidade da semelhança divina, [a alma] possui em si mesma aquela simplicidade natural de sua substância, pela qual ser e viver são uma mesma realidade; embora o fato de existir não implique na alma viver bem e viver felizmente, pois se trata de uma semelhança e não de uma igualdade²².

E mais: o Verbo possui o atributo de viver feliz por divindade, enquanto a alma possui o atributo de viver por sua semelhança. Mas Bernardo faz uma ressalva: “deixando intacta a transcendência do Verbo, é evidente a afinidade das naturezas e a grandeza incomparável da alma”²³.

Explicitando um pouco mais o que Bernardo quer dizer, o mesmo afirma que somente em Deus ser equivale a ser feliz, o que corresponde à simplicidade mais radical e absoluta. No entanto, há ainda outra simplicidade semelhante a esta: quando ser corresponde a viver – o

²⁰ BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 284.

²¹ Cf. *idem, ibidem*.

²² BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1003.

²³ *Idem, ibidem*.

que é próprio da alma. A partir daí, a alma pode elevar-se e chegar a viver bem e felizmente, embora num grau inferior ao Verbo. Contudo, a simplicidade da alma é uma grande dignidade da mesma, pois somente a partir dela se ascende à vida feliz. Esclarece o autor em questão:

Por conseguinte, quando não se identifica o ser com o viver, ninguém poderá conseguir viver bem e felizmente, já que é incapaz inclusive de alcançar o grau inferior do ser. Unicamente a alma humana permanece nesse grau de dignidade, porque foi criada como vida pela vida, simples pelo simples, imortal pelo imortal. Não está, portanto, longe do grau superior, no qual se identifica o ser e a vida feliz, estado exclusivo do único bem aventurado e soberano, rei dos reis e senhor dos senhores²⁴.

Neste sentido, o homem recebeu a alma não como faculdade de já ser feliz, mas de poder sê-la. Porém, mesmo que se aproxime do grau superior, jamais o será, ou seja, mesmo quando for feliz, jamais se identificará nela o ser e o ser feliz. “Defendemos a semelhança e rechaçamos a igualdade”²⁵.

1. 1. 2. A imortalidade

A segunda semelhança é a imortalidade. E, neste aspecto, a alma também é semelhante ao Verbo, mas não igual. A imortalidade de Deus é soberana, pois Ele mesmo afirmou: “Eu sou o Senhor e não me modifico”²⁶. É tão íntegra e verdadeira a Sua imortalidade que esta não sofre nem mudança, nem limite.

A criação está sujeita à mudança. E toda mudança é uma “imitação da morte”, como afirma Bernardo.

Tudo o que muda, quando passa de uma situação a outra, em algum sentido deve morrer ao que é, para começar a ser o que não era. E se existem tantas mortes como mudanças, onde está a imortalidade? “A esta vaidade foi submetida a criação, não por sua vontade, mas em atenção ao que a submeteu com esperança”²⁷.

A alma do homem é imortal porque ela é vida por si mesma. Como já foi dito anteriormente, na alma humana ser equivale a viver. E como não pode desaparecer por si mesma, também não pode deixar de viver. Mas como seus afetos fazem-na mudar, é semelhante a Deus pela imortalidade, mesmo faltando-lhe uma grande parte desta. Afinal,

²⁴ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1005.

²⁵ *Idem, ibidem*.

²⁶ *Primeira Carta a Timóteo 6, 15 apud BERNARDO, op. cit., p. 1007.*

²⁷ BERNARDO, *op. cit.*, p. 1007.

somente Deus possui a imortalidade absoluta e perfeita por não se submeter a fases ou períodos de sombra.

Contudo, diz Bernardo, não é medíocre a dignidade da alma, pois já se aproxima da natureza do Verbo em dois aspectos: a simplicidade de sua essência e a perpetuidade de sua vida.

1. 1. 3. O livre-arbítrio

A terceira semelhança presente entre o Verbo e a alma é o livre-arbítrio.

Algo plenamente divino que brilha na alma qual pedra preciosa incrustada no ouro. Graças a ele, insere-se na alma uma capacidade de discernir e escolher com sua opção entre o bem e o mal, a morte a vida, a luz e as trevas. E da mesma maneira tudo o mais que possa considerar de modo habitual em sua alma, comparando-o com seus contrários. Ademais, este olho da alma julga e distingue como um árbitro severo: é, pois, o que discerne, e é livre em sua eleição. Chama-se livre-arbítrio porque tem a faculdade de atuar em tudo ao arbítrio da vontade.²⁸

É justamente por causa do livre-arbítrio que o homem pode merecer: porque todo o bem que ele pratica – e poderia livremente não praticá-lo – é considerado mérito com toda justiça. E nesta justiça se louva o bem que é feito ou o mal que é evitado, assim como se priva o mérito do mal cometido e do bem não realizado.

Por outro lado, se não há liberdade, não há mérito. É por tal fato que os animais, desprovidos de razão, não podem merecer: não gozam de liberdade e deliberação, mas guiam-se por seus instintos e sentidos. Tampouco possuem juízo para regerem-se a si mesmos ou se discernirem. Não podem ser julgados por não poderem julgar.

O homem é o único animal livre pelo fato de não sofrer esta violência²⁹ da natureza. Mas intervém o pecado e ele passa a arrastar consigo também esse vício, embora o seja na vontade e não na natureza. Mesmo assim, o homem não se vê nunca privado da sua liberdade congênita.

Não é possível também supor que haja uma coação da vontade. Se o homem se sente coagido justamente na vontade, é porque quer intensamente aquilo que se deseja de maneira

²⁸ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1007.

²⁹ Cf. *idem, ibidem*, p. 1009. Apesar de Bernardo valer-se de tal termo, é um tanto problemático falar em “violência” numa visão criacionista de um Deus bom. Mas não cabe ao nosso trabalho entrar no mérito desta questão.

inevitável, ou seja, quer com firmeza o que não pode deixar de querer, por mais que resista. E “onde há vontade, há liberdade”³⁰.

A alma, portanto, por sua congênita e nobre beleza, a qual foi nitidamente demonstrada nessas três qualidades, goza de uma grande afinidade com o Verbo.

Mas, assim como a grandeza, a retidão é distinta da alma – e da própria grandeza, já que esta é inseparável da alma e aquela não, como já foi dito. Isto porque se priva da retidão aquele que turva seu amor e deixa de desejar os bens superiores, desejando os bens terrenos, elucidam Boehner e Gilson³¹.

Desta concepção de imagem e semelhança depende, pois, a perfeição e a integridade do homem: sem a primeira, ele cessa de ser o que é e, sem a segunda, desfigura-se. Assim, na medida em que cresce na semelhança com Deus, o ser humano se humaniza cada vez mais³².

2. PERDA E RECUPERAÇÃO DA SEMELHANÇA DIVINA

A dessemelhança da qual falaremos também ocorre na dimensão ética do homem. Ele se desassemelha de Deus pelo pecado, a dessemelhança é consequência de um ato.

2. 1. A dessemelhança

Essa tripla semelhança que há entre o Verbo e a alma está inseparavelmente unida a ela. Mas, afirma São Bernardo, parece que alguns textos das Sagradas Escrituras dizem o contrário. Canta o salmista: “O homem constituído em honra não o entendeu; se igualou com os brutos animais e se fez semelhante a eles”³³. Ou então: “Mudaram sua glória pela imagem de um touro que come erva”³⁴. E muitos outros textos bíblicos dirão unânimes que, com o pecado, a imagem de Deus no homem caiu manchada.

E, quando se atua pelo pecado, o corpo torna-se peso para a alma. Não pelo peso do corpo, mas pelo afeto ao pecado. E, mesmo sendo incapaz de levantar-se por si mesma, a alma pode deslizar-se espontaneamente ao pecado. A vontade prostra-se no amor viciado e

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 1011.

³¹ BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 284.

³² Cf. BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 284.

³³ *Salmos* 48, 21 *apud* BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1017.

³⁴ *Salmos* 105, 20 *apud* BERNARDO, *op. cit.*, p. 1017.

vicioso do corpo corrompido. De uma maneira perversa e estranha, a alma se corrompe cada vez mais pelo pecado, constringendo-se a si mesma. Mas esta necessidade, sendo voluntária, não justifica a vontade. E nem a vontade, sendo incitada, pode excluir a necessidade. Nas palavras de Bernardo, o que se observa é uma

necessidade em certo sentido voluntária. Trata-se de uma espécie de força agradável que agradando oprime e oprimindo agrada: a vontade se sente culpável desde que consentiu o pecado e não pode arremessá-lo por si mesma, nem justificar-se por razão alguma³⁵.

Neste sentido, o homem

sentia-se oprimido por um jugo, mas não era senão o de certa servidão voluntária; por esta escravidão era um desgraçado e pela vontade não tinha justificativa. Porque a vontade, sendo livre, fez-se serva do pecado por assentir com ele; e segue sendo a vontade a que se submete ao pecado e o serve voluntariamente³⁶.

No pecado, a vontade escraviza-se, ou melhor, torna-se escrava dele. Mas esta escravidão é voluntária.

O que é que realizou? Escravizar-se. Diz a escritura: “Quem comete pecado se faz escravo do pecado.” Portanto, quando pecou – e pecou quando decidiu obedecer ao pecado – escravizou-se. Poderia ser livre se não o voltasse a fazer. Mas o comete religando-se na mesma escravidão. Porque a vontade não é retida nes se estado se ela se resiste: é vontade. Mas como quer, não só se escravizou a si mesma, mas que permanece assim³⁷.

Pierre Magnard afirma que, da mesma forma como “o livre-arbítrio coloca o homem acima dos animais privados de razão, ele o precipita abaixo das bestas brutais, a vontade livre inflige a ela mesma esta servidão”³⁸. E mais: “Promessa de semelhança, o livre-arbítrio acusa a dessemelhança”³⁹.

Assim, a alma se mantém em um estado escravo e livre simultaneamente: escrava pela violência e livre pela vontade. E o que é estranho: “culpável por ser livre e escrava por ser culpável, e pelo mesmo tanto mais escrava quanto mais livre”⁴⁰. Ainda, lamenta Bernardo:

³⁵ BERNARDO, *op. cit.*, p. 1009.

³⁶ *Idem, ibidem*.

³⁷ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1011.

³⁸ MAGNARD, Image et ressemblance. In: BRAGUE (Dir.), *Saint Bernard et La philosophie*, p. 83.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 84.

⁴⁰ BERNARDO, *op. cit.*, p. 1011.

“Sou um desgraçado, mas livre: livre como homem, desgraçado como servo. Livre porque sou semelhante a Deus, desgraçado como contrário a Deus”⁴¹.

O homem torna-se, dessa forma, um pecador ilegal: pecador porque peca e ilegal porque sua vontade persiste em agir contra a lei.

Não obstante o pecado, Bernardo afirma que os atributos, mesmo após a queda do homem pelo pecado, “estão em Deus e na alma, e de maneira indelével”⁴².

Explica o autor:

Mas a Escritura fala de uma dessemelhança que ocorreu, não porque foi manchada a semelhança, mas porque se interpôs outra à frente. A alma não se desnudou totalmente de sua forma nativa, mas sobre ela se vestiu outra alheia. Se lhe acrescenta esta sem perder a anterior. A que tem em cima pode obscurecer a congênita, mas não exterminá-la. Por isso, disse o Apóstolo: “Seu coração insensato se escureceu”. E o profeta: “Tomou-se pálido o ouro, o ouro mais puro”. Lamenta-se do ouro escurecido, mas ao final é ouro⁴³.

Confirmam essa tese Boehner e Gilson:

Desgraçadamente, o homem distanciou-se livre e conscientemente das coisas do céu, preferindo-lhes os bens da terra. Antepondo seus próprios interesses aos de Deus, e recurvando-se sobre si mesma, sua alma transformou-se de “alma reta” em “alma curva”⁴⁴.

Nesse estado, a alma retém sua semelhança com Deus, em função de sua grandeza, mas desassemelha-se d’Ele em consequência da curvatura de sua alma. E mais: desassemelha-se de si mesma, pois, perdendo a semelhança com o modelo original, deixa de ser semelhante a si mesma pelo mesmo fato, segundo atestam os mesmos comentadores⁴⁵. Nos termos de Sávio Laet de Barros Campos, a alma fica dessemelhante de si própria porque ser semelhança de Deus é-lhe conatural⁴⁶.

Aquela simplicidade original permanece sempre inalterável, apesar de destacar-se menos, visto que agora se encontra coberta pela duplicidade do engano, da dissimulação e da

⁴¹ *Idem, ibidem.*

⁴² *Idem, ibidem*, p. 1017.

⁴³ *Idem, ibidem.*

⁴⁴ BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 285.

⁴⁵ Cf. *idem, ibidem.*

⁴⁶ CAMPOS, *O homem como imagem e semelhança de Deus em Bernardo de Claraval*, p. 3. Disponível em: <http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Bernardo_Claraval__Homem_Imagem_Semelhanca_Deus.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

hipocrisia do homem. Assim, junto à duplicidade, subsiste na alma a simplicidade de seu ser, o que gera certa perplexidade.

Também é mantida na alma a sua imortalidade, mas de uma forma confusa e tenebrosa, pois irrompe a névoa densa da morte corporal. A alma não se priva de vida, mas não consegue reivindicá-la ao corpo. Além disso, há um segundo tipo de morte: a morte espiritual. Afirmo o profeta: “Porque a alma que peca, essa morrerá”⁴⁷. Lançando-se sobre essa dupla morte, a imortalidade se volta tenebrosa e miserável. A alma que se deixa levar pelo apetite das realidades terrenas – que ocasionam a morte – denigre a brancura de sua imortalidade com o breu negro de seus hábitos mortíferos, metaforiza Bernardo. Ademais, já está escrito: “A quem toque o breu, este ficará manchado”⁴⁸. Assim, o homem, “gozando com o mortal, veste-se de mortalidade, e ao acercar-se ao que se parece à morte, não se retira a túnica da imortalidade, mas a destina”⁴⁹.

Por conseguinte, “tememos perder o que nos deleita possuir, e o temor é como uma cor. Quando mancha a liberdade, encobre-a e a volta totalmente dessemelhante de si mesma”⁵⁰. Aquela coação voluntária e a lei contrária da carne já descritas anteriormente turvam a liberdade. E, agradando à criatura livre por sua natureza, fá-la escrava de sua vontade mesma, cobrindo seu rosto de ignomínia. Como afirma Jean-Luc Marion, esta propriedade que assegura a imagem de Deus no homem – ou assegura o homem na imagem de Deus – que é o livre-arbítrio, por ser um poder de escolha, é essencialmente ambivalente e ele pode conduzir a alma, seja a uma independência em relação ao arquétipo da imagem, isto é, a uma condição diabólica, seja ao reconhecimento desse arquétipo, que é a semelhança, a assimilação de Deus, a divinização⁵¹.

Jean Leclercq cita Fasseta, quando este diz:

Bernardo ressentido com uma intensidade dramática a situação dolorosa do homem depois do pecado original. Criado à imagem e à semelhança de Deus, o homem caiu na dessemelhança. A liberdade com a qual Deus o tinha dotado tornou-se incapaz de

⁴⁷ *Ezequiel* 18, 4 *apud* BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1019.

⁴⁸ *Eclesiástico* 13, 1 *apud* BERNARDO, *op. cit.*, p.1019.

⁴⁹ BERNARDO, *op. cit.*, p.1019.

⁵⁰ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1021.

⁵¹ MARION, L'image de la liberte. In: BRAGUE (Dir.), *Saint Bernard et La philosophie*, p. 59. O homem não é imagem de Deus. Ele é segundo a imagem, visto que esta é o Verbo. Apesar de Marion aparentemente contrapor o que queremos afirmar, é necessário interpretá-lo na linha de pensamento que estamos desenvolvendo. Seu aparente equívoco é apenas uma forma de introduzir o leitor mais rapidamente naquilo que é seu propósito explicitar.

escolher o bem e de realizar-se, sua inteligência foi obcecada pelo orgulho, sua vontade foi doravante arrastada num círculo vicioso por uma cobiça nunca satisfeita⁵².

Entretanto, negligente na defesa de sua inocência natural com a honradez de sua vida, o homem não se despoja de sua vontade, mas envolve-a com um duplo manto: a liberdade se conserva pela vontade, mas sua vida servil manifesta a coação.

Isto posto, afirma Bernardo que tudo está encoberto pelo duplo manto da semelhança e dessemelhança. E reitera:

Não é acaso um duplo manto isso que não é inato nela [na alma], mas algo colado e, em certo modo, costurado pela agulha do pecado: o engano aderido à simplicidade, a morte à imortalidade, a coação à liberdade? Mas esta duplicidade do coração não anula a simplicidade de sua essência, nem a morte à imortalidade de sua natureza, seja a morte voluntária do pecado ou a necessária do corpo. Nem a coação de uma escravidão voluntária suprime o livre-arbítrio⁵³.

Assim, essas coisas estranhas se misturam com os bens da natureza. Não os suplantam, mas se acumulam; entorpecem a alma, sem exterminá-la; turvam-na, apesar de não a destruir. Por isso, a alma desassemelha-se de Deus e de si mesma, fazendo-se semelhante aos animais brutos. E, conseqüentemente, corre sua mesma sorte. Já havia dito o Rei Salomão: “O homem morre como o jumento”⁵⁴. Ora,

que podemos pensar de uma criatura livre que não controla o apetite e o tem submetido a ela, mas que o segue e obedece como uma escrava? Não é também por isso semelhante e um mais entre os animais, cuja natureza não foi chamada à liberdade, submetida a servir como escrava do ventre e obedecer a seus apetites?⁵⁵

Afirma Bernardo que o iníquo, ao se colocar frente a si mesmo, ao enxergar a impureza de sua consciência e descobrir a imundície de seus pecados, não poderá em hipótese alguma pensar que Deus seja semelhante a ele. E, mesmo mantendo a primeira semelhança, desencanta-se diante de seu estado de dessemelhança. Então, brada: “Senhor, quem como tu?”⁵⁶

⁵² FASSETA, Le Rôle de l'Esprit Saint dans la vie spirituelle selon Bernard de Clairvaux, dans La dottrina dela vita spirituale apud LECLERCQ, Maurice Blondel lecteur de Bernard de Clairvaux, p. 101.

⁵³ BERNARDO, *op. cit.*, p. 1021.

⁵⁴ *Eclesiastes* 3, 19 apud BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1023.

⁵⁵ BERNARDO, *op. cit.*, p. 1023.

⁵⁶ *Salmos* 34, 10 apud BERNARDO, *op. cit.*, p. 1023.

Acerca disso, explicitam Boehner e Gilson:

A alma conserva a consciência de sua grandeza: sabe-se ao menos parcialmente semelhante a Deus, e por conseguinte à sua própria natureza, pois sua capacidade para o divino permanece. Ao mesmo tempo, porém, ela se dá conta de haver sido infiel à sua própria natureza. Este estado anormal dá origem a um penoso sentimento de desequilíbrio interior em que a alma, com saber-se de certo modo semelhante a si, sente-se contudo dessemelhante de si mesma. Donde o horror que tem de si própria⁵⁷.

É por isso que, conforme explica Campos, a recuperação da semelhança divina implica uma reconciliação do homem consigo mesmo, visto que ser homem é ser conforme a imagem e semelhança de Deus⁵⁸.

2. 2. A possibilidade de retorno

Quanto mais lhe desgosta o mal que vê em si mesma, com tanto mais ardor a alma suspira pelo bem que também há em si, declara São Bernardo. A alma “anseia fazer-se tal como foi criada, simples e reta, temerosa de Deus e afastada do mal”⁵⁹.

Pergunta Bernardo, e ele mesmo aponta a resposta:

[O homem] Não poderá retirar-se daquilo a que pôde acercar-se? Não poderá aproximar-se ali de onde pôde afastar-se? Mas ambas as coisas só poderá conseguilas com a ajuda da Graça, não pela natureza nem por seu esforço. Porque “é a sabedoria que vence o mal, e não a natureza nem as próprias forças”⁶⁰.

Atesta Magnard que o homem encontra sua elucidação somente na Graça e na Glória, as quais lhe devolvem sua semelhança⁶¹.

Gilson e Boehner afirmam que “a possibilidade de retorno é assegurada pela indestrutibilidade da imagem de Deus no homem”⁶². E, ao voltar-se para o Verbo, o generoso parentesco entre Este e a alma não será estéril. O melhor testemunho de tal parentesco é a semelhança indelével. Porque “o Espírito se digna admitir em sua intimidade quem lhe é

⁵⁷ BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 285.

⁵⁸ CAMPOS, *O homem como imagem e semelhança de Deus em Bernardo de Claraval*, p.4. Disponível em: <http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Bernardo_Claraval__Homem_Imagem_Semelhanca_Deus.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

⁵⁹ BERNARDO, *op. cit.*, p. 1025.

⁶⁰ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1025.

⁶¹ MAGNARD, Image et ressemblance. In: BRAGUE (Dir.), *Saint Bernard et La philosophie*, p. 84.

⁶² BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 285. Ver nota 51.

semelhante por natureza, pois certamente por exigências da natureza, cada qual busca a seu semelhante”⁶³.

Ademais, interroga-se Magnard: “Se o homem foi criado à imagem de Deus, ele não deve viver como a imitação daquele de quem é imagem, o Verbo Divino?”⁶⁴

Faz-se necessário, para tanto, a recusa do homem em conformar-se a este mundo contingente, complementa Leclercq. É preciso que o homem, para restaurar-se e recobrar a dignidade primeva e a capacidade de ser com e conforme Deus, ordene seus princípios vitais⁶⁵. Como é pelo apego aos bens terrenos que o homem desassemelha-se de Deus, é afastando-se desse caminho e voltando-se para Deus que essa semelhança será restaurada, explica Campos⁶⁶.

Dessa forma, é preciso que o homem elimine de sua alma a dessemelhança⁶⁷, pela Graça e através da humildade e da caridade. Renunciando ao pecado, reestabelecendo sua condição original e amando as coisas de Deus, a alma se dispõe para a união extática com Deus, esclarecem Boehner e Gilson⁶⁸.

Bernardo afirma que se trata de uma experiência admirativa, pois é admirável essa semelhança que conduz à visão de Deus e que permite ao homem incorporar a própria visão de Deus, tornando-o capaz de contemplar a realidade com os olhos do amor. “Essa visão, essa semelhança é o amor. A quem não lhe pasma o amor de um Deus desprezado que convida de novo?”⁶⁹

O homem é um malvado que se apropria da semelhança divina e ama a iniquidade, não podendo, desta forma, nem amar-se a si mesmo nem a Deus. Mas, suprimindo tal iniquidade, a qual é a origem da dessemelhança, surgirá a união do espírito, a mútua visão e o mútuo amor.

⁶³ BERNARDO, *op. cit.*, p. 1025.

⁶⁴ MAGNARD, *op. cit.*, p. 81.

⁶⁵ LECLERCQ, *Maurice Blondel lecteur de Bernard de Clairvaux*, pp. 85, 86, 101.

⁶⁶ CAMPOS, *O homem como imagem e semelhança de Deus em Bernardo de Claraval*, pp. 3, 4. Disponível em: <http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Bernardo_Claraval__Homem_Imagem_Semelhanca_Deus.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

⁶⁷ A dessemelhança que é possível ser eliminada é aquela que existe no âmbito ético. O homem pode retornar à retidão com a qual foi criado. Já a dessemelhança apontada no âmbito ontológico é impossível de ser eliminada. Deus não é criatura e nem o homem é criador, no sentido bíblico-cristão dos termos.

⁶⁸ BOEHNER; GILSON, *op. cit.*, pp. 285-286.

⁶⁹ BERNARDO, Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras completas de San Bernardo*, BAC, p. 1025.

Quando vier o perfeito, acabará o limitado; e nascerá mutuamente o amor casto e consumado, o conhecimento pleno, a visão imediata, a união inquebrantável, a aliança indivisível, a semelhança perfeita. Então conhecerá a alma como é conhecida, amará como é amada, gozar-se-á o esposo com a esposa, conhecendo e sendo conhecido, amante e amado, Jesus, Cristo nosso Senhor, que é Deus bendito sobre tudo e para sempre⁷⁰.

Ou ainda:

A alma torna-se a ver tal qual fora na aurora da criação: como semelhança pura de Deus; e nesta visão interior de si mesma ela vê a Deus assim como é vista por ele, e O ama assim como é amada por Ele. Neste conhecimento e amor recíprocos entre esposo e esposa consiste o êxtase místico. Este, por sua vez, não é senão um antegosto da visão beatífica, onde a semelhança perfeita com Deus permitirá uma união definitiva, embora sem confusão de substâncias⁷¹.

Bernardo, ao elaborar sua “ontologia da criatura”, realiza uma busca sobre a existência humana no seu estatuto original e na sua responsabilidade no tocante à sua situação histórica concreta. Por sua consciência, o ser humano percebe o significado de sua existência e, ao longo de toda a progressão histórica em direção a Deus, o quanto sua responsabilidade é incessantemente requisitada.

⁷⁰ *Idem, ibidem*, pp.1025-1027.

⁷¹ BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 286. Campos comenta essa passagem: “Ademais, é conhecendo-se a si mesma tal como era originariamente – imagem e semelhança de Deus – que a alma conhecerá o próprio Deus. De fato, reformada pela Graça e pela prática das virtudes, conseguirá amar a si própria e, amando a si mesma, amará a Deus, porquanto não é senão imagem e semelhança de Deus. Contemplando-se e amando-se como Deus a fez, conhecerá e amará a si mesma da mesma forma como é conhecida e amada por Deus, pois Deus a criou e amou como Sua imagem e semelhança. Donde, ao conhecer com que grandeza Deus a criou, irá amá-lo como Ele a ama, pois Deus a ama como a sua imagem e semelhança”. E neste conhecimento e amor recíprocos consiste a união extática. Vale aqui também aquilo que dissemos na nota 51.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Santo. *Sermones sobre el cantar de los cantares*. In: _____. **Obras completas de San Bernardo**. Vol. 5. Madrid: BAC, 1987, pp. 988-1027.

BOEHNER, Philoteus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. **O homem como imagem e semelhança de Deus em Bernardo de Claraval**. Disponível em: <http://filosofante.org/filosofante/not_arquivos/pdf/Bernardo_Claraval__Homem_Imagem_Semelhanca_Deus.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

GILSON, Etienne. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LECLERCQ, Jean. **Maurice Blondel lecteur de Bernard de Clairvaux**. Bruxelles: Lessius, 2001.

MAGNARD, Pierre. *Image et ressemblance*. In: BRAGUE, Rémi (Dir.). **Saint Bernard et La philosophie**. Paris: PUF, 1993, pp.73-85.

MARION, Jean-Luc. *L'image de la liberté*. In: BRAGUE, Rémi (Dir.). **Saint Bernard et La philosophie**. Paris: PUF, 1993, pp.49-72.